
VALORES, SENTIMENTOS E PROJETOS DE VIDA: UM ESTUDO COM JOVENS ESTUDANTES DA CIDADE DE SÃO PAULO

VALUES, FEELINGS AND LIFE PLANS: A STUDY INVOLVING
YOUNG STUDENTS IN THE CITY OF SÃO PAULO

VALORES, SENTIMIENTOS Y PROYECTOS DE VIDA: UN ESTUDIO CON
ESTUDIANTES JOVENES EN LA CIUDAD DE SÃO PAULO

*Hanna Cebel Danza**
*Valéria Amorim Arantes***

Resumo: O presente estudo tem como objetivo identificar e analisar os valores e sentimentos subjacentes aos projetos de vida de jovens estudantes do Ensino Médio da cidade de São Paulo. Participaram do estudo 240 jovens, de ambos os sexos, entre 14 e 18 anos. O instrumento consistiu em treze perguntas abertas sobre os projetos de vida dos participantes. Foram identificadas seis maneiras de projetar o futuro que, apesar de apresentarem valores e sentimentos semelhantes, caracterizam-se por processos psíquicos muito diferentes. Para além das divergências entre as dinâmicas de pensamento, no presente artigo daremos visibilidade, também, à influência que os sentimentos, os valores e suas relações exercem nos projetos de vida dos jovens.

Palavras-chave: Projetos de vida; juventude; valores; sentimentos.

Abstract: The objective of this study was to identify and analyze the values and feelings underlying the life plans of young secondary school students in the city of São Paulo. A total 240 students of both genders, aging between 14 and 18 years, participated in the present study. The research instrument consisted of 13 open questions on the life plans of the participants. Six different ways to project the future were identified. Although similar values and feelings were identified, they were characterized by very different psychological processes. Besides the divergences in the thought dynamics, the present article also highlights the influence that feelings and values, as well as their relationships, have on the life plans of young people.

Keywords: Life plans; youth; values; feelings.

Introdução

Se fôssemos retomar a construção histórica dos conceitos de moral, observaríamos já em suas origens o forte apelo concedido aos aspectos cognitivos e, de modo contrário, a negligência e até mesmo a desvalorização dos componentes afetivos ligados à moral. Muitos são os filósofos, sobretudo da Grécia Antiga, que se dedicaram a esta desvalorização e, mais recentemente, o Iluminismo adotou de modo ainda mais forte estas ideias, concedendo à razão um status muito superior aos sentimentos e as emoções, que passaram a ser encarados como algo negativo, desejável de ser contido.

Notadamente, tal dualismo adquiriu contornos obsoletos após as conclusões dos estudos de neuropsicologia e pesquisadores de outras áreas, que passaram a afirmar a existência de profundas relações entre a cognição e a afetividade (MORENO; SASTRE, 2002). Sobre isso, Araújo (2003) revela que hoje, o que se assume são modelos que adotam o papel funcional e organizativo dos sentimentos e emoções no raciocínio humano, de modo a regular o funcionamento psíquico.

Deste modo, nos últimos anos os estudos de Psicologia Moral vêm afirmando a ruptura com os pressupostos gregos antigos e consolidando o entendimento da indissociabilidade entre cognição e afetividade no pensamento e nas ações humanas. Seguindo esta tendência e buscando investigar como estas dimensões se articulam no psiquismo e compõem nas condutas humanas, adotamos a elaboração de projetos de vida como um campo fecundo para este intento, visto a necessidade que requer de conjugar elementos cognitivos e afetivos, incluindo, sobretudo, aqueles próprios da esfera moral, como os valores e os sentimentos.

Partindo para uma reflexão sobre a elaboração de projetos de vida, concordamos com Boutinet (2002) quando este reforça que apesar de a figura do projeto remeter fortemente ao futuro, devemos ter a clareza de que ela estabelece fortes vínculos com todas as instâncias constituintes da tripartição do tempo: o passado, o presente e o futuro.

O vínculo com o passado é expresso através do fato de o projeto ser uma projeção da subjetividade do sujeito, promovido por uma série de acontecimentos biográficos (MARINA, 2009). Neste sentido antes de se lançar em um projeto o sujeito há que ter construído sua própria subjetividade, pautada em seus valores, motivações, memórias, entre tantos outros elementos.

É por esta razão que Boutinet (2002) nos alerta que ao associar o projeto exclusivamente ao futuro estaríamos separando-o de suas raízes, ou seja, dos valores que subjazem as escolhas para o futuro. Neste sentido Machado (2000) reforça:

Agimos sobre a realidade por meio de nossas escolhas, buscando transformá-la no sentido de nossas aspirações ou conservá-la naquilo que nos parece caro. Nossos projetos nos sustentam, sendo sustentados, por sua vez, por uma arquitetura de valores socialmente acordados (MACHADO, 2000, p. 39).

Em outras palavras o projeto se refere à maneira como escolhemos estar e viver no mundo (BOUTINET, 2002). Por esta razão a associação entre projetos e valores se dá na medida em que estes se articulam para dar sentido à vida e às ações dos sujeitos, incluindo a constituição da identidade (VELHO, 2003).

Entretanto Velho (2003) afirma que o projeto não se realiza em um vácuo. Por mais velado que um projeto possa ser sempre pressuporá a existência do outro, o que nos remete a um forte apelo moral. E é por esta razão que afirmamos a importância de assumir uma vida projetada junto com os outros, pautada em valores morais que possam dar direcionamento à construção e à partilha de um mundo mais solidário, justo e por que não, mais simpático a todos nós.

No que tange ao vínculo estabelecido entre o projeto e o tempo presente Marina (2009) afirma que não existem projetos desvinculados da ação, afinal é através dela que realizamos o projeto. Entretanto existe, certamente, uma ampla gama de condutas de antecipações, tais como os sonhos, os desejos e as fantasias que não pretendem realizar-se, mas que podem transformar-se em projetos caso sejam promulgadas como programas vigentes. Afinal, uma possibilidade vislumbrada não é um projeto até que se junte a ela um comando de partida.

Realizando as ideias inicialmente permeadas pela irrealidade, o projeto toma forma e passa a estruturar-se a partir de ações e meios para atingir os objetivos que promovam a realização das intenções iniciais. Como afirma Boutinet (2002) o objetivo de todo projeto é deixar de ser projeto e torna-se realidade e é por isto que ele é uma figura destinada a permanecer descontinua, pois se destrói pelo próprio fato de se realizar, ou seja, só adquire consistência ao materializar suas intenções que, ao se realizarem no presente, deixam de existir como projeto.

Por fim, a realização do projeto, que ocorrerá no tempo futuro nos remete à incerteza e a imprevisibilidade, que segundo Machado (2000) são elementos indispensáveis para o projeto, que se conformam como a necessária “abertura ao novo”. O autor complementa que o projeto que está fadado tanto ao sucesso quanto ao fracasso não é de fato um projeto. Isso porque se o futuro já estiver totalmente determinado não há necessidade de projetar.

Resgatando as considerações tecidas sobre os projetos de vida afirmamos sua importância e a grande contribuição que ofertam nas inúmeras dimensões transitadas pelos sujeitos – de sua identidade até o mundo em que habitam, partilham e constroem. De fato a idiossincrasia revelada desde os valores, passando pelas intenções e metas e chegando por fim ao estabelecimento do projeto garante que seu estudo traga um grande contributo para se pensar a moralidade, sua construção e suas acepções.

Com isso passamos as reflexões no campo da moralidade, focando-nos na dimensão afetiva dos sujeitos. Primeiramente exploraremos os valores e em seguida os sentimentos como pertencentes a esta dimensão do psiquismo humano e que, por serem de natureza moral, atuam na regulação de nossos pensamentos e ações (ARAÚJO, 2003).

A fim de melhor compreender o que são os valores, adotaremos neste trabalho as concepções de Araújo (2003) que recorreu à definição proposta

por Piaget¹ para quem os valores são construções baseadas nas projeções afetivas que o sujeito faz sobre objetos ou pessoas. Araújo (2007, p. 19) ampliou a complexidade desta definição propondo que “os valores são construídos através da projeção de sentimentos positivos que o sujeito tem sobre objetos e/ou pessoas e/ou relações e/ou sobre si mesmo”. Interessante é notar que nesta definição, mais precisa e por isso mesmo, mais complexa, a qualidade positiva dos valores confere-lhe o tom de ser algo que damos importância.

Adotando ainda a perspectiva de Araújo (2007), entendemos que à medida que o sujeito vai construindo valores estes passam a se dispor de maneira organizada, formando um sistema de valores. Decorre disso que quanto maior a carga afetiva positiva envolvida no valor, mais central será sua posição na identidade do sujeito², e por isso, menos flexível e vulnerável a outras interações valorativas. Assim, os valores centrais de um sujeito são aqueles aos quais é destinada grande intensidade de sentimentos positivos. Por outro lado, aqueles valores cuja carga de sentimentos destinada é menor, se organizarão de modo periférico no sistema de valores e, portanto, na identidade do sujeito. A complexidade deste sistema reside na intrincada rede de possibilidades que constitui o sistema de valores de cada sujeito, dotado dos múltiplos e inúmeros valores que compõe esta identidade (ARAÚJO, 2007).

Devemos considerar também que os valores jamais se projetam de modo isolado sobre os objetos da relação. Sendo este um modelo insuficiente para explicar a realidade cotidiana na qual os conteúdos e os valores interagem. Por esta razão um valor pode ser central ou periférico na identidade do mesmo sujeito, dependendo do conteúdo e das pessoas envolvidas na ação. É devido a complexidade deste fenômeno que podemos compreender porque é difícil encontrar coerência entre valores, pensamentos e ações e entender as frequentes contradições estabelecidas nos conflitos cotidianos (ARAÚJO, 2007).

Analisando de modo mais específico os sentimentos e as emoções como componentes da moralidade, reconhecemos que, apesar de sua importância, seu papel tem sido relegado a segundo plano devido ao grande peso conferido aos seus componentes cognitivos. Apesar disso, a constatação da enorme influência que a dimensão afetiva exerce sobre os pensamentos e ações já confere motivos para que ela mereça um lugar de destaque nos estudos sobre a moralidade humana (PUIG; MARTÍN, 1998).

Enveredando-se por esse caminho, em estudos anteriores Arantes (2003) constatou que a afetividade influencia de modo significativo a forma como resolvemos conflitos de natureza moral. Tal constatação partiu da observação de que os estados emocionais influenciam nossos pensamentos e ações tanto quanto nossas capacidades cognitivas, de modo que estes podem possibilitar uma motivação ética que integra os desejos e os deveres

inerentes às normativas sociais. Com isso, postula que o pensar e o sentir são ações indissociáveis. Nas palavras da autora:

Assim como a organização de nossos pensamentos influencia nossos sentimentos, o sentir também configura nossa forma de pensar. A afetividade exerce pois, um papel organizativo no funcionamento psíquico (ARANTES, 2003, p. 123).

Partilhando desta ideia Araújo (2003) acrescenta que a tomada de consciência dos próprios sentimentos e emoções é um imperativo para a construção de uma vida psíquica pautada na autonomia moral, visto que, sem este conhecimento não poderemos reconhecer os sentimentos e emoções alheios, o que impossibilita nosso agir ético no mundo.

Considerando a complexidade da temática proposta e a necessidade de adotarmos um método de investigação que permita contemplá-la e, mais ainda, dar visibilidade aos aspectos afetivos do funcionamento psíquico, adotamos a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento como um arcabouço teórico-metodológico capaz de ajudar-nos nesta investigação.

A constatação que dá origem a esta teoria é que os sujeitos constroem modelos da realidade, selecionando e organizando elementos, que orientam seu raciocínio e suas ações, auxiliando lhes, inclusive, a conhecer o mundo em que vivem (ARANTES, 2013).

Com base nesta ideia as autoras da teoria referida compreendem os Modelos Organizadores do Pensamento da seguinte maneira:

Concebemos um modelo organizador como uma particular organização que o sujeito realiza dos elementos que seleciona e elabora a partir de uma determinada situação, dos significados que lhes atribui e das implicações que deles se originam. Tais elementos procedem das percepções, das ações (tanto físicas como mentais) e do conhecimento em geral que o sujeito possui sobre certa situação, assim como das inferências que a partir de tudo isso realiza. O conjunto resultante é organizado por um sistema de relações que lhe confere uma coerência interna, a qual produz, no sujeito que o elaborou, a ideia de que mantém também uma coerência externa, ou seja, uma coerência com a situação do mundo real que representa (MORENO et al., 1999, p. 78).

Devemos destacar que os modelos são representações da realidade elaboradas pelos sujeitos a partir de elementos internos e externos a ele. Trata-se, portanto, do sistema de representações que formulamos a

partir dos elementos que selecionamos de um determinado fenômeno, dos significados que atribuímos a eles e das relações e implicações que estabelecemos entre eles (MORENO; SASTRE, 2010).

As particularidades do processo de construção dos modelos organizadores que são organizadas pelas autoras se distribuem em três fases: abstração de elementos, a atribuição de significados aos elementos e a organização, relações e/ou implicações entre os elementos e seus significados.

Sobre a abstração de elementos devemos entender que ao construir um modelo organizador do pensamento cada sujeito realiza uma seleção do que lhe é conhecido e observado em relação à situação concreta, segundo um conjunto de características presentes no funcionamento psíquico. O psiquismo humano realiza uma seleção de elementos específica diante de cada situação que nos informa tanto sobre a situação quanto sobre seu observador. Estes elementos selecionados – juntamente com seus significados e relações – constituem a representação que o sujeito faz de um fenômeno determinado e advém de suas percepções, ações e do conhecimento geral que tem sobre a situação vivenciada (MORENO; SASTRE, 2010). Devido ao fato de que cada sujeito elege elementos particulares para a composição de um modelo organizador, estes não são exatamente compatíveis com a realidade. É por esta razão que ressaltamos que nem todos os elementos presentes na realidade serão abstraídos pelos sujeitos e sim, apenas os considerados relevantes. Consequência disto é que alguns elementos serão rechaçados na construção do modelo organizador devido a sua não relevância para o sujeito.

Em relação ao processo de atribuição de significados este é um ato inerente à abstração dos elementos, visto que ele é responsável pela eleição de um elemento para compor o modelo organizador (MORENO; SASTRE, 2010). Desta forma os processos de abstração e atribuição de significados ocorrem simultaneamente. Devido à particularidade que emana destes processos, em contextos diferentes um mesmo sujeito pode atribuir significados diferentes ao mesmo elemento ou, ainda, diferentes sujeitos podem atribuir significados distintos a um mesmo elemento, em uma mesma situação. Há ainda que se considerar que os significados atribuídos a um mesmo elemento por um sujeito podem mudar ao longo do tempo.

Sobre a organização e as relações e/ou implicações estabelecidas entre os elementos e seus significados, tratam-se da articulação que o sujeito realiza entre os elementos abstraídos e seus significados. Esta articulação é necessária para dotar de sentido e coerência o modelo organizador em construção. Neste sentido, a organização é o sistema de relações que o sujeito estabelece entre os elementos abstraídos e os significados a eles outorgados, que pode ocorrer imediatamente após a seleção e significação dos elementos ou de forma retardada, quando, por exemplo, tardamos a encontrar respostas para nossos problemas.

Por fim, apesar de diversas, estas relações não são infinitas, visto que, na tentativa de organizar o pensamento a realidade objetiva atua como um regulador de coerência entre os elementos, seus significados e as relações e/ou implicações estabelecidas (MORENO; SASTRE, 2010).

O presente estudo, de caráter qualitativo, teve como principal objetivo identificar e analisar os valores e os sentimentos subjacentes aos projetos de vida de jovens estudantes. Mais especificamente, tal objetivo foi concretizado da seguinte forma: (a) identificando e analisando os modelos organizadores do pensamento aplicados pelos participantes nas suas projeções futuras; (b) identificando e analisando os valores e sentimentos subjacentes a cada um desses modelos organizadores; (c) identificando e analisando possíveis relações entre os valores e os sentimentos subjacentes aos projetos de vida.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 240 jovens, com idade entre 14 e 18 anos, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública e de uma escola privada, ambas situadas na região sul da cidade de São Paulo. Esses jovens, de nível sócio-econômico médio baixo, estiveram assim distribuídos: 120 da escola pública (60 homens e 60 mulheres) e 120 da escola privada (60 homens e 60 mulheres).

Instrumento

O instrumento utilizado no presente estudo está baseado no roteiro proposto por Damon (2009), que foi adaptado ao contexto brasileiro e aos objetivos da investigação, inserindo-se questões que permitissem contemplar os valores e os sentimentos subjacentes às projeções futuras dos jovens. A seguir o instrumento na íntegra:

1. Conte-me um pouco sobre você e sua vida, destacando como se sente em seu dia-a-dia.
2. Quais são as três coisas mais importantes para você? Enumere por ordem de importância (do mais importante para o menos importante).
3. Como você se sente em relação a cada uma destas coisas? Explique com detalhes.
4. Como cada uma destas coisas tornou-se importante para você?
5. Quais as dificuldades enfrentadas por você com relação a estas coisas importantes?
6. O que você gostaria que fosse diferente no mundo e o que faz para concretizar tal mudança?
7. Como você se sente com relação a esta mudança?
8. Imagine como será a sua vida daqui a cinco anos e diga o que será importante para você nessa ocasião.

9. Como você acha que se sentirá daqui a cinco anos?
10. Agora, imagine-se com 40 anos. Como você acha que será a sua vida? O que você acha que estará fazendo? O que você acha que será importante para você?
11. Como você acha que se sentirá aos 40 anos?
12. O que é para você um projeto de vida? Que projeto você tem para sua vida?
13. Caso você tenha um projeto, como se sente em relação a ele?

Procedimento

Na escola privada a coleta de dados foi realizada na sala de informática, na presença da pesquisadora, uma vez que o instrumento estava disponível na base de dados online “Survey Monkey”³. Inicialmente foram passados aos participantes esclarecimentos sobre o anonimato e sigilo, bem como as orientações sobre como responder as questões – de forma mais completa possível, individualmente, sem se preocupar em dar uma resposta considerada “correta” – e sobre a importância de descreverem seus sentimentos quando fossem requeridos a fazê-lo. Na sequência, os estudantes foram convidados a responder o questionário que começava com um termo de consentimento⁴ e era seguido pelas questões específicas sobre seu cotidiano e seus projetos de vida, já apresentadas anteriormente.

Na escola pública não foi possível realizar o mesmo procedimento devido a um problema elétrico na sala de informática. Por esta razão a solução encontrada foi aplicar um questionário escrito, de mesmo conteúdo. Devido a este diferencial, ocupamo-nos de orientar com maior zelo sobre a necessidade de oferecer respostas completas a todas as questões apresentadas.

Resultados

De posse dos dados, a etapa seguinte foi analisá-los de acordo com os pressupostos da teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento. Com o objetivo de preservar a complexidade própria da temática analisada, optamos por analisar as questões de forma integrada, a fim de não fragmentar a dinâmica do pensamento apresentada pelos jovens.

Para tanto, orientamo-nos de forma a observar as regularidades e as não regularidades presentes nas respostas dos participantes, destacando aqueles elementos abstraídos como centrais, os significados atribuídos a estes elementos e as implicações/relações estabelecidas entre os elementos e seus significados. Nesta análise constaram também os sentimentos destacados pelos participantes e as relações/implicações que estabeleceram com os elementos centrais.

No total, identificamos seis diferentes modelos organizadores do pensamento⁵, que refletem maneiras e dinâmicas distintas de projetar o

futuro. O modelo 1 apresenta como característica principal a fragilidade de projeções futuras, pautadas sobretudo nos elementos trabalho e família; no modelo 2 os jovens pautam seus projetos de vida na conquista de poder aquisitivo; no modelo 3 os jovens tomam o compromisso social como central em seus projetos; no modelo 4 idealizam os elementos trabalho e família; no modelo 5 os jovens apresentam projetos de vida concretos pautados no trabalho e na família; no modelo 6 os jovens apresentam projetos concretos pautados apenas no elemento trabalho.

Após identificação e análise dos modelos organizadores aplicados pelos participantes, foi realizada uma análise quantitativa que levou em conta a distribuição dos participantes em função do tipo de escola (pública e privada), do sexo dos participantes (homens e mulheres) e dos modelos por eles aplicados. Considerando os objetivos do presente artigo, apresentaremos apenas a distribuição dos participantes em função dos modelos organizadores por eles identificados:

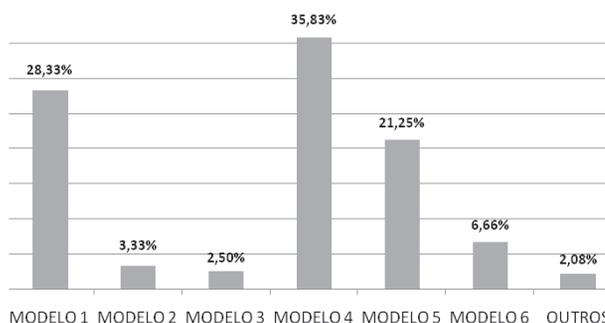


Figura 1: Distribuição e frequência dos participantes pelos Modelos Organizadores do Pensamento

Em função do tipo de análise realizada (com grande quantidade de informações para cada um desses modelos) e pelo pouco espaço disponível em um artigo, deter-nos-emos na descrição de apenas dois modelos (Modelos 1 e 5). Tal escolha se deu por pelo menos duas razões: primeiro, para dar visibilidade e explorar com maior profundidade os elementos trabalho e família, presentes nesses modelos e abstraídos pela grande maioria dos participantes; segundo, porque o efeito de comparação que a exploração destes modelos nos oferece parece contribuir significativamente para a compreensão sobre os valores e os sentimentos subjacentes aos projetos de vida. Dito de outra forma, os Modelos 1 e 5 são aqueles que, quando comparados, apresentam maior discrepância no que tange às projeções futuras e às dinâmicas de pensamento, ainda que os elementos neles contidos sejam semelhantes.

É importante ressaltar que, apesar de o modelo 4 ter sido o mais aplicado pelos jovens, além de frágeis, as projeções futuras neles contidas

apresentam baixo nível de complexidade e, portanto, pouco nos ajudam no entendimento da atribuição de significados complexos e estabelecimento de relações entre valores e sentimentos no psiquismo humano. Passemos à descrição dos modelos 1 e 5.

Modelo 1: Projeções frágeis

Os jovens que aplicaram o modelo 1 não apresentam ao longo do questionário referências consistentes sobre seu projeto de vida, revelando muitas vezes respostas curtas e pouco elaboradas ou ainda explicitando a ausência de um projeto.

Q-8. "Imaginar minha vida daqui a 5 anos é um pouco confuso, pois nunca sabemos o dia de amanhã...". **Q-9.** "Espero que bem". **Q-10.** "Se não consigo imaginar daqui a 5 anos quem dirá com 40? Ainda não pensei sobre isso. Frustrante até". **Q-11.** "Não sei". **Q-12.** "Estudo que me dê um futuro promissor". (Sujeito 124, 15 anos, Feminino, Escola pública).

Q-8. "Não penso em daqui 5 anos, primeiro prefiro pensar no amanhã". **Q-9.** "Não tenho ideia". **Q-10.** "Não tenho ideia mas queria chegar nesta idade com meus pais vivos. Tanto posso estar trabalhando quanto aposentado". **Q-11.** "Não sei". **Q-12.** "Um projeto para mim é projetar como sua vida será no futuro, eu não tenho nenhum projeto ainda para a minha vida". **Q-13.** "Não tenho nenhum projeto". (Sujeito 127, 17 anos, Masculino, Escola pública).

Apesar de abstraírem como elementos centrais o trabalho e a família, estes compõem de forma idealizada, esvaziada de significados e sem implicações/relações entre os elementos, mesmo naquelas respostas mais longas e/ou elaboradas. Desta forma, a família e o trabalho comparecerem como valores frágeis para sustentação de um projeto de vida.

Q-10. "Espero que a minha vida seja boa e divertida, estarei em um sítio com minha esposa em uma rede. Será importante para mim a felicidade". **Q-12.** "Um projeto de vida para mim é o pensar no futuro, em uma vida melhor. Os meus projetos são todos incertos mais espero alcançar a felicidade". (Sujeito 77, 15 anos, Masculino, Escola privada).

Q-10. "Vou continuar trabalhando só que vou ter uma família para sustentar". **Q-11.** "Jovem, pois existem pessoas com mais de 90 anos". **Q-12.** "Não tenho muitos projetos, só pretendo ter um emprego que eu goste". **Q-13.** "Não tenho". (Sujeito 89, 16 anos, Masculino, Escola privada).

Além disso, as respostas dos jovens que aplicaram este modelo revelam que estudar, trabalhar e constituir família parece ser o "lugar comum" dos projetos de vida. Ainda sobre este ponto, eles não parecem ter consciência da necessidade de um percurso para atingir estes objetivos:

Q-10. “Será uma vida normal, estarei trabalhando e com uma família formada. A minha família”. (Sujeito 27, 16 anos, Feminino, Escola privada).

Alguns jovens que aplicaram este modelo fazem referência ao desejo de terem um emprego “garantido” e uma vida “digna”, mas não apresentam carreiras a serem seguidas nem metas a serem traçadas:

Q-9. “Não sei, mas com um carro bom, um emprego digno, etc...”. (Sujeito 111, 15 anos, Masculino, Escola privada).

Ainda no modelo 1 identificamos que alguns jovens elegeram Deus como uma das coisas mais importantes em sua vida. Entretanto este elemento recebe pouca ou nenhuma significação e desaparece ao longo do questionário, o que nos leva a crer que não é um elemento central na organização de seus pensamentos.

Quando questionados sobre mudanças que gostariam de ver no mundo, a maioria dos jovens apontou a violência, seguida pela injustiça, preconceito e desigualdade. Compareceram também em menor frequência, o uso de drogas, a preservação da natureza e a corrupção, entre outros. Os sentimentos atrelados a estas mudanças são os de incapacidade de ajudar na mudança ou bem-estar. Nenhum dos jovens que aplicou o modelo 1 fez, nesta questão, referência a situações que envolvem seus projetos de vida.

A utilização de jargões e falas descompromissadas é justificativa frequente da falta de direcionamento para o futuro. As respostas abaixo são exemplos extraídos dos protocolos analisados.

Q-9. “Nem sei se vou estar vivo até lá, porque o futuro só a Deus pertence”. (Sujeito 106, 16 anos, Masculino, Escola privada).

Q-8. “Eu não sei, não sou vidente!” **Q-10.** “Eu não sei nem se estaria vivo”. **Q-11.** “Já falei que não sei se vou estar vivo”. (Sujeito 119, 15 anos, Masculino, Escola privada).

Os sentimentos apontados pelos sujeitos em relação ao futuro são os de bem-estar e felicidade. Entretanto, nota-se que eles compõem de forma vaga e desconectada de suas projeções. Alguns sujeitos indicam também a realização, a esperança, o cansaço, o tédio e a ansiedade como sentimentos atrelados às suas expectativas futuras. A presença dos sentimentos positivos, em especial a realização, mostra-se superficial e idealizada, tendo em vista a falta de elementos e metas concretas que possam lhes prover realização.

Q-7. “Me sinto muito bem”. **Q-9.** “Bem”. **Q-13.** “Vou me sentir bem pois vou ter o meu sustento, etc.”. (Sujeito 153, 14 anos, Feminino, Escola pública).

Q-10. “Vai ser boa (espero) trabalhando muito. A vida será importante, a família, etc.”. **Q-11.** “Velho!”. **Q-12.** “Ser feliz, ser feliz”. **Q-13.** “Espero que cumpra com sucesso a missão de ser feliz”. (Sujeito 64, 16 anos, Masculino, Escola privada).

Q-9. “Realizada, espero”. **Q-11.** “Realizada, mais uma vez”. **Q-12.** “[...] No momento não tenho nenhum projeto para minha vida... simplesmente vou curtir ela”. **Q-13.** “Bom, como eu já disse, não tenho um projeto ainda”. (Sujeito 38, 16 anos, Feminino, Escola privada).

Grande parte dos sujeitos⁶ que aplicaram o modelo 1 na organização de seus pensamentos acerca de seus projetos de vida apresentam como característica marcante o pouco envolvimento que possuem não somente com seus projetos futuros, mas também com seu contexto diário.

Q-1. “Meu dia-a-dia é normal, sem muita diferença entre dias normais: acordo às 6h30min, tomo banho, café da manhã e venho para a escola. Geralmente enrolo um pouco em casa para não assistir a 1ª aula. Venho para a escola no período da manhã e à tarde durmo já que estou de castigo por causa das notas vermelhas...”. (Sujeito 64, 16 anos, Masculino, Escola privada).

Q-1. “A minha vida é normal: estudo, trabalho, me sinto bem, às vezes com muito sono mais isso é bastante comum, tenho meus amigos, convivo bem com eles”. (Sujeito 27, 16 anos, Feminino, Escola privada).

Tal falta de engajamento com o momento presente e com suas atividades cotidianas parece se refletir na falta de expectativas futuras, já que a vida parece ser algo “normal”. Além disso, os jovens revelam incoerência, sentimentos contraditórios e ausência de dificuldades ou desafios em suas vidas.

Q-1. “Feliz”. **Q-3.** “Normal”. **Q-5.** “Nenhuma”. **Q-7.** “Melhor”. **Q-9.** “Afastado”. **Q-11.** “Deprimido”. **Q-13.** “Se ele concretizar ficarei feliz”. (Sujeito 90, 16 anos, Masculino, Escola privada).

Ainda que a grande maioria dos jovens que aplicaram o modelo 1 apresente pouco engajamento com suas vidas cotidianas, alguns deles apresentam uma trama bem definida em relação a suas vidas presentes. Estes parecem estar muito mais concentrados no presente do que em seus projetos futuros. Esta evidência é sustentada devido à expressiva complexidade, significação e coerência que as respostas às questões iniciais do questionário – sobre o cotidiano – revelam em comparação às questões finais – sobre os projetos de vida. Eles chegam a apresentar enredos complexos de dificuldades e desafios na vida cotidiana, fato que parece detê-los à vida presente. Além disso, comparecem também jovens em que a diversão e o lazer cumprem este papel de mantê-los imersos apenas na vida cotidiana.

Q-1. “[...] Sou uma pessoa muito passional e às vezes não consigo controlar isso, antes eu era muito preocupada com o que as pessoas pensavam de mim, e tinha medo de ficar sozinha, mas hoje já sou uma pessoa diferente e mais tranquila, procuro sempre estar de bem com a vida”. **Q-5.** “Em relação à Deus a minha dificuldade é servi-lo corretamente, pois às vezes faço coisas que não são do seu agrado e me sinto culpada. Na minha família encontro algumas dificuldades e é aí que entra a minha parte passional, em casa eu tenho uma relação muito boa com a minha mãe, mas com meu pai é muito diferente, pois tem uma barreira entre eu e ele. Meu pai é uma pessoa muito fechada e ignorante, muitas vezes não consigo ter uma conversa com ele que eu não saia chorando, mas não é porque ele me bate é porque eu sou muito passional. Se ele começa a falar comigo de determinado assunto que eu fiz ou que eu não fiz, ele coloca muita pressão no que fala e eu acabo não aguentando. Ele acha que eu sou uma pessoa ingênua que não sabe lidar com o mundo e parece que ele tem medo de eu fazer algo errado mas eu sempre digo que sei o que é certo e o que é errado [...]”. **Q-8.** “Depois de 5 anos não sei realmente o que teria mudado pois o que eu quero agora pode mudar depois desses anos, mas acho que uma boa parte dos meus objetivos já estariam realizados”. **Q-13.** “Me sinto indecisa ainda sobre esse projeto e ao longo do tempo vou decidir sobre o que eu realmente quero”. (Sujeito 36, 16 anos, Feminino, Escola privada).

Q-1. “Eu me sinto muito bem pois eu tenho uma vida saudável e não estou relacionado com crimes e nem com drogas, vivo muito bem com minha família e com meus amigos. Minha vida é uma beleza [...]”. **Q-2.** “1-Amigos e Família 2-Curtição 3-Escola”. **Q-3.** “[...] eu não consigo viver sem ter uma curtição com meus amigos e minha família. Curtição, sair na balada com os amigos, zoar junto com eles, isso que é vida. A escola é a fase mais importante das pessoas é ali que elas se divertem, estudam e encontram amigos. Por isso eu amo a escola, não tem como explicar, pois é muito complexo”. **Q-9.** “Vou me sentir bem, pois eu procuro o bem e não o mal”. **Q-10.** “De velhice. Estarei trabalhando para pagar as contas. Pagar a pensão dos meus filhos (brincadeira, eu ainda não sei, mas até lá posso responder)”. **Q-11.** “Bem velho e trabalhando, mas feliz”. **Q-13.** “Muito bem”. (Sujeito 120, 16 anos, Masculino, Escola privada).

Modelo 5: Projeções concretas sobre trabalho e família

Assim como no modelo 1, os jovens que aplicaram o modelo 5 abstraíram como elementos centrais o trabalho e a família. Ocorre que neste modelo identificamos respostas mais complexas e precisas, com relações elaboradas entre os elementos abstraídos, que perfazem todo o questionário. Constam inclusive indicações práticas e conscientes sobre formas de atingir seus objetivos e clareza da área em que pretendem atuar.

Q-1. “Em meu dia-a-dia procuro sempre fazer a coisa certa e sempre estou me esforçando para ir bem na escola e tirar boas notas, mesmo que não consiga sempre”. **Q-2.** “1-família 2-meio futuro 3-minha família”. **Q-3.** “Eu

procuo ajudar minha família mesmo que em alguns assuntos eu não possa resolver. Meu futuro é ser design automobilístico, uma carreira difícil, pois precisa saber desenhar carros muito bem e fazer contas, o que não é meu forte, mas vou fazer de tudo para conseguir. Minha família é algo que eu não me preocupo tanto porque ainda tem um bom caminho pela frente e enquanto isso vou me esforçar na minha carreira profissional”. **Q-8.** “Já estar trabalhando em alguma concessionária como designer e estar entre amigos para ter ótimos dias no trabalho e ajudar minha família com isso”. **Q-9.** “Eu estarei feliz, pois sei que meu esforço na escola e na vida não será em vão”. **Q-10.** “Eu serei um designer conceituado e já terei minha esposa e filhos para criar e ajudar como meus pais estão me ajudando agora”. **Q-13.** “Eu me sinto empolgado pois mal posso esperar para ser um designer e ver como vou me sair”. (Sujeito 83, 16 anos, Masculino, Escola privada).

Q-1. “Tenho 16 anos, estudo e trabalho, me formei neste ano em um curso de técnico em Redes e computadores [...] faço inglês aos sábados de manhã, atualmente estou trabalhando com telemarketing”. **Q-8.** “Pretendo estar formado em tecnologia da Informação, focado em redes, com uma condição estável, proporcionando o bem para a minha família em relação à bens e etc. Vou estar completando o curso que complementa a minha faculdade que será de Redes”. **Q-10.** “Vou ser um empresário na área de Gestão que dará suporte ao sistemas de Redes de Computadores à outras empresas. [...]”. **Q-12.** “[...] meu projeto de vida é ser um empresário prestando suporte à grandes empresas”. (Sujeito 219, 16 anos, Masculino, Escola pública).

Apesar da centralidade do elemento família, o trabalho recebe maior significação e comparece com maior carga nos projetos dos jovens. Ainda sobre o trabalho, este é significado como meio para alcançar realização pessoal, estabilidade financeira e conforto para a família.

Q-12. “Projeto de vida é uma forma de você tentar alcançar os seus objetivos e seus sonhos. Meu projeto de vida é sair da escola, fazer algum cursinho, prestar USP, se não entrar ir para alguma faculdade boa, como PUC, terminar meu curso, advogar por 3 anos e depois prestar um concurso público para Juíza [...]”. (Sujeito 13, 16 anos, Feminino, Escola privada).

Q-8. “Estarei na faculdade cursando engenharia mecatrônica, ajudarei minha mãe com os negócios ou até trabalharei no negócio dela e talvez esteja em um relacionamento”. **Q-10.** “Se me sonho se realizar, estarei mais agitado com o trabalho. Vou dirigir uma empresa multinacional de tecnologia ou nanotecnologia [...]”. **Q-11.** “Um homem com ainda mais responsabilidades, mais jovem do que nunca e com uma família linda a zelar”. **Q-12.** “Projeto de vida é um esquema que você monta para a sua vida do jeito quiser. Meu esquema é mostrar ao mundo quem sou eu, me tornando dono de uma respeitável empresa de tecnologia”. (Sujeito 108, 15 anos, Masculino, Escola privada).

Já a família é geralmente significada como uma instituição que oferece e necessita apoio. Alguns jovens revelam uma forte associação do elemento família à sentimentos de responsabilidade para com ela, seja em termos econômicos, educacionais, emocionais ou de formação.

Q-8. “Já estar trabalhando em alguma concessionária como designer e estar entre amigos para ter ótimos dias no trabalho e estar ajudando minha família com isso”. **Q-10.** “Eu serei um designer automobilístico e já terei minha esposa e filhos para criar e ajudar como meus pais estão me ajudando agora”. (Sujeito 83, 16 anos, Masculino, Escola privada).

Q-3. “A minha família é a minha base, me preocupo com o meu futuro para proporcionar o bem para a minha família e para a sociedade”. **Q-8.** “Pretendo estar formado em tecnologia da informação, focado em redes, com uma condição estável, proporcionando o bem para a minha família em relação a bens, etc”. (Sujeito 219, 16 anos, Masculino, Escola pública).

Apenas um jovem atribuiu, além dos sentimentos de responsabilidade para com a família, uma significação mais complexa deste elemento, com aspectos sobre apoio a si próprio e a necessidade de lhes prover orgulho.

Q-10. “[...] Estarei cuidando do meu negócio, casada, cuidando da minha família [...] sonho em ser dona do meu próprio negócio sem deixar com que a família fique em segundo plano, pois sei que são eles quem irão me apoiar e me parabenizar lá no futuro, principalmente meus pais que desde já se orgulham de mim”. **Q-12.** “[...] conseguir uma vida estabilizada para conseguir dar comodidade aos meus pais quando estiverem mais velhos”. (Sujeito 43, 17 anos, Feminino, Escola privada).

Em relação às mudanças que gostariam de ver no mundo, as respostas apresentam baixo envolvimento com seus projetos de vida, ainda que os jovens apontem ações que podem fazer para concretizá-las. As mudanças apontadas foram: os valores das pessoas, a fome, a desigualdade social, o preconceito, a pobreza e a poluição. Os sentimentos atrelados a estas mudanças são o de felicidade, motivação, esperança, “nada”, bem-estar e incapacidade. Entretanto alguns jovens possuem um nível de coerência em suas respostas bastante alto e pode ser visto inclusive nestas questões relativas às mudanças que gostariam de ver no mundo.

Q-3. “Família é meu tudo, meu amparo, sei que estarão do meu lado para tudo o que eu precisar [...] e em relação aos estudos, sempre penso muito sobre o meu futuro, sobre vestibular, faculdade, empregos, então procuro dar o meu máximo agora para que possa entrar em uma boa faculdade, que para mim é São Francisco, quero fazer Direito”. **Q-6.** “Gostaria que tivéssemos menos desigualdade social, que tivesse mais justiça, menos preconceito! Por enquanto não há muita coisa que eu possa fazer, mas com certeza quando

chegar à posição que eu quero chegar farei a justiça que estiver ao meu alcance e ajudarei as pessoas mais necessitadas". **Q-10.** "Com 40 anos espero estar casada, com filhos, sendo Juíza Criminal [...]". (Sujeito 13, 16 anos, Feminino, Escola privada).

A necessidade do estudo comparece como valor para todos que aplicaram este modelo. Ela é significada de forma mais elaborada como meio para obtenção do sucesso profissional, inclusive por já estar presente na vida daqueles que declaram preocupação com este aspecto.

Q-1. "Atualmente estou empregado, cursando Mecânica de Usinagem no Senai Ary Torres em Santo Amaro. Serei efetivado no ano de 2012, por isso estudarei à noite e trabalharei durante o dia [...] Às vezes me sinto cansado e desanimado, mas sei que estudo e trabalho são para evoluir, sei que no futuro isso me trará frutos. Pretendo fazer faculdade de engenharia mecânica ou cível, ainda não estou certo de qual das duas escolherei. Tentarei passar em universidades públicas como a USP e a UNICAMP, porém se não conseguir, tentarei uma bolsa em universidades particulares prestigiadas". (Sujeito 94, 17 anos, Masculino, Escola privada).

Os sentimentos que estes jovens associam aos seus projetos de vida são a felicidade, a realização e o bem-estar. Comparecem em menor frequência a satisfação, o amor, o orgulho, a ansiedade, a esperança, a insegurança, o orgulho, o cansaço e o medo. Os sentimentos negativos estão associados ao não cumprimento de seus projetos.

Q-11. "Eu acho que irei me sentir uma mulher realizada, feliz, amada, sempre com as pessoas que eu amo à minha volta". **Q-13.** "Sinto que com dedicação, vontade e esforço conseguirei o que eu quero, o que eu sonho no meu projeto de vida!". (Sujeito 59, 15 anos, Feminino, Escola privada).

Q-9. "Depende da minha situação. Mas espero estar feliz e satisfeito". **Q-13.** "Me sinto seguro e inseguro ao mesmo tempo, seguro porque acredito que vou sim realizar esse projeto, mas inseguro de que ele não dê certo e acabe em uma coisa pior". (Sujeito 94, 17 anos, Masculino, Escola privada).

Q-9. "Pressionado. Pela dificuldade de estar cursando engenharia civil e trabalhando". **Q-11.** "Realizado [...]". **Q-13.** "Me sinto confiante, acho que estou no caminho certo para isso. É algo difícil que eu sei que vou ter que me sacrificar muito para conseguir, mas é algo que estou disposto a fazer". (Sujeito 220, 16 anos, Masculino, Escola pública).

Valores, sentimentos e projetos de vida: um complexo *continuum*

A fim de analisarmos o funcionamento do pensamento dos jovens participantes de nosso estudo em relação à elaboração de seus projetos de

vida, apresentaremos algumas das relações/implicações estabelecidas entre os elementos centrais e os sentimentos por eles destacados. A primeira delas é que quando os jovens realizam projeções afetivas positivas sobre os elementos abstraídos, estes passam a se configurar como valores em suas projeções. Por este motivo de agora em diante passaremos a denominar os elementos abstraídos como valores. Apresentamos na tabela abaixo a sistematização destes dados.

Modelos	Valores centrais	Sentimentos	Relações/implicações entre valores e sentimentos
1	Trabalho e Família	Bem-estar, Felicidade e Realização	Os sentimentos se relacionam de forma branda e superficial aos valores centrais, indicando sua fragilidade no modelo organizador.
5	Trabalho e Família	Bem-estar, Felicidade e Realização	Os sentimentos estão fortemente relacionados aos valores centrais, comparecendo com força, como consequência de sua conquista.

Tabela 1: Relações/implicações entre os valores e os sentimentos apresentados pelos sujeitos de acordo com os modelos encontrados

Ao analisarmos os dados presentes na tabela 1, notamos que a coincidência entre os valores destacados nos modelos 1 e 5 é preservada em relação aos sentimentos que os jovens destacam. Entretanto em ambos os casos os significados atribuídos – tanto aos valores quanto aos sentimentos – são absolutamente diversos.

Sobre o forte comparecimento dos elementos família e trabalho que se configuram como valores para os jovens, notamos que apesar de possuírem significados diferentes e estarem relacionados também de formas diferentes nos modelos em questão, percebemos que estes jovens desejam se inserir na sociedade por meio do trabalho (quer seja pela subsistência da família ou pela realização pessoal). Já a família, que também comparece como valor de destaque nas projeções, é significada como uma instituição que oferece apoio aos jovens, sobre a qual é preciso responsabilizar-se ou, ainda, como uma construção idealizada.

Outra constante nos modelos aqui analisados foram os tipos de sentimentos implicados aos valores centrais. Notamos o comparecimento de sentimentos em geral positivos como a felicidade, o bem-estar e a realização pessoal em ambos os modelos. Entretanto esta semelhança parece-nos superficial, já que percebemos muitas variações em relação aos significados atribuídos e às implicações que estabelecem com os valores. Para abordar com maior refinamento de análise estes significados faremos um breve apanhado das relações e implicações que os sentimentos estabelecem com os valores destacados.

No modelo 1 encontramos uma ausência de projetos de vida. Apesar dos jovens fazerem referência à família e ao trabalho, que comparecem como valores, seus significados são brandos e não há relações/implicações entre eles. Os sentimentos de bem-estar, felicidade e realização também comparecem com a mesma superficialidade vista em relação aos valores centrais. Cabe ressaltar, inclusive, que estes jovens fazem poucas referências a estes sentimentos, geralmente quando são incitados a falar sobre a dimensão afetiva.

Para alguns jovens que aplicaram o modelo 1 a superficialidade com que abordam tanto suas projeções futuras quanto seus sentimentos também se estende às descrições de suas atividades cotidianas, o que parece nos indicar uma falta de envolvimento também com a vida presente. Ainda assim, alguns deles demonstram grande envolvimento com o cotidiano, apesar de não apresentarem implicações/relações entre os valores e seus sentimentos.

Neste ponto é importante destacar que os sentimentos exercem um papel estruturador fundamental. Notamos duas condições distintas presentes na vida daqueles jovens que revelam maior envolvimento pelo cotidiano: aspectos negativos (dor e tristeza)⁷ e aspectos positivos (diversão e lazer). Desta forma os envolvidos com a vida cotidiana parecem estar neste estado devido à alta carga emocional de suas vidas cotidianas, que acaba por impedir o envolvimento com a elaboração de projeções para o futuro.

Já o modelo 5 é caracterizado pela presença dos valores família e trabalho. Entretanto, é possível notar maior valorização do trabalho, que é destacado com força e centralidade tanto no cotidiano quanto em suas projeções. Em geral os significados de ambos os valores estão implicados entre si, como é o caso de muitos jovens que significam o trabalho como meio para prover o sustento familiar e propiciar uma boa formação para seus filhos. Arelada a esta concepção, estes jovens significam a família como instituição que necessita de cuidados e pela qual são responsáveis.

Ainda no modelo 5 identificamos os sentimentos de bem-estar, felicidade e realização pessoal como consequência da concretização dos projetos de vida. A alta incidência com a qual estes sentimentos comparecem sugere a posição de centralidade dos valores família e trabalho em seus projetos de vida, muito embora estes sentimentos compareçam com maior força em relação à conquista do trabalho.

Considerações finais

Notamos através dos modelos identificados que os jovens transitam desde a ausência de um projeto de vida até uma elaboração mais complexa, fundamentada em um projeto que se orienta pelo trabalho e pela família. Isso revela a importância destes valores que comparecem na maioria dos modelos encontrados em nosso estudo.

Os resultados apontam que, muito embora seja veiculado nas grandes mídias e nos discursos tradicionais a falta de implicação dos jovens com a instituição familiar, ela ocupa posição central na organização da vida futura dos jovens. E apesar de para muitos jovens ser apenas o “lugar comum” da vida adulta, em muitos casos ela comparece como uma projeção concreta e madura, capaz de oferecer-lhes realização pessoal, felicidade e bem-estar.

O mesmo parece ocorrer com o trabalho, que aparece com muita força nas ideias dos jovens sobre seu futuro. E novamente, muito embora na maioria das vezes assuma o papel de “lugar comum” da vida adulta, há também aqueles que fazem projeções mais elaboradas, levando em conta a carreira que pretendem seguir e quais metas precisam alcançar para conquistar o futuro almejado. Embora para aqueles que aplicaram o modelo 1 os sentimentos de realização, felicidade e bem-estar ainda estejam pouco vinculados aos planos futuros, para aqueles que aplicaram o modelo 5 este valor será a principal fonte geradora de sentimentos positivos.

Apesar de um número considerável de jovens (21%) terem aplicado o modelo 5 – mais complexo tanto do ponto de vista de sua construção quanto em termos morais, na medida em que, como afirmava Velho (2003) mostram a preocupação em coordenar as perspectivas alheias e as necessidades do mundo em sua noção de futuro –, um número superior de jovens (28%) aplicaram o modelo 1, frágil tanto do ponto de vista de sua construção quanto do ponto de vista moral, pois não parecem integrar as perspectivas alheias ou os problemas do mundo em seu futuro.

Estes resultados parecem sinalizar a necessidade de uma intervenção educativa e Damon (2009) já apontava para a ausência de reflexões deste âmbito dentro das instituições escolares. Reiteramos seu argumento reforçando que promover o autoconhecimento e reflexões acerca do papel do jovem no mundo é imprescindível para a formação ética e moral, com vistas a criar um universo capaz de gerar condutas mais justas e generosas na convivência humana. Ao mesmo tempo em que poderá aumentar a possibilidade dos jovens serem mais felizes, realizados e satisfeitos com o modo como escolheram viver suas vidas.

Por fim, consideramos a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento como um rico aporte teórico-metodológico capaz de ajudar-nos nas complexas investigações no campo da moralidade.

Notas

* Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo. E-mail: hannadanza@usp.br

** Professora Livre-Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: varantes@usp.br

¹ No texto "Les relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le développement de l'enfant" gerado a partir de um curso ministrado da Universidade de Sorbonne em 1954.

² A compreensão de que os valores se organizam em um sistema e se incorporam à identidade do sujeito e as representações que ele faz de si já foi abordada por inúmeros autores tais como Araújo (1999; 2002), La Taille (2002; 2006), Blasi (1995) e Damon (1995).

³ Software utilizado para disponibilizar o questionário online e armazenar os dados obtidos.

⁴ Os procedimentos éticos foram tomados segundo as normas éticas estipuladas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisa com seres humanos e de acordo com as determinações do Estatuto da Criança e do Adolescente.

⁵ Cinco jovens não aplicaram nenhum dos modelos organizadores identificados, apresentando outras dinâmicas de pensamento.

⁶ 25 dos 34 sujeitos que aplicaram o modelo 1 apresentam pouco envolvimento com sua vida cotidiana.

⁷ Os sentimentos negativos que apareceram nos protocolos destes sujeitos estão vinculados apenas à suas vidas cotidianas, e não às projeções futuras, motivo pelo qual não foram incluídos em nossas análises.

Referências

ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade, cognição e moralidade na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento. In: ARANTES, Valéria Amorim. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003, p. 109-128.

_____. **Modelos Organizadores do Pensamento e o seu desenvolvimento teórico-metodológico**: estudos de psicologia e educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013. (Tese de Livre-docência).

ARAÚJO, Ulisses Ferreira. A construção social e psicológica dos valores. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Educação e valores: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007, p. 17-62.

_____. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003, p. 153-170.

BOUTINET, Jean-Pierre. **Antropologia do projeto**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DAMON, William. **O que o jovem quer da vida?** Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. São Paulo: Summus, 2009.

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 2000.

MARINA, José Antonio. **Teoria da inteligência criadora**. Rio de Janeiro: Guarda-chuva, 2009.

MORENO, Montserrat et al. **Conhecimento e mudança**: os modelos organizadores do pensamento na construção do conhecimento. São Paulo: Moderna, 1999.

MORENO, Montserrat; SASTRE, Genoveva. **Cómo construimos universos**: amor, cooperación y conflicto. Barcelona: Gedisa, 2010.

_____; _____. **Resolução de conflitos e aprendizagem emocional**: gênero e transversalidade. São Paulo: Moderna, 2002.

PUIG, Josep Maria; MARTÍN Xus. **La educación moral em la escuela**. Barcelona: Edebé, 1998.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Recebido em: setembro de 2013.

Aprovado em: janeiro de 2014.